

The Project Gutenberg eBook of A Nuvem: Peça dramática, em verso, com prologo, dois actos e epílogo, by Luís Couceiro

This ebook is for the use of anyone anywhere in the United States and most other parts of the world at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this ebook or online at www.gutenberg.org. If you are not located in the United States, you'll have to check the laws of the country where you are located before using this eBook.

Title: A Nuvem: Peça dramática, em verso, com prologo, dois actos e epílogo

Author: Luís Couceiro

Release Date: January 15, 2011 [EBook #34964]

Language: Portuguese

Credits: Produced by Pedro Saborano

*** START OF THE PROJECT GUTENBERG EBOOK A NUVEM: PEÇA DRAMÁTICA, EM VERSO,
COM PROLOGO, DOIS ACTOS E EPILOGO ***

LUIZ COUCEIRO

A NUVEM

Peça dramática, em verso, com prologo, dois actos e epílogo

AVEIRO
Typ. "Minerva Central"
1910

LUIZ COUCEIRO

A NUVEM

Peça dramática, em verso, com prologo, dois actos e epílogo

AVEIRO
Typ. "Minerva Central"
1910

PERSONAGENS

Henrique
Fernando
Arminda
Margarida
Maria, creada
Uma creança de 6 mezes

PROLOGO

Casa de Margarida, em completo desalinho. Uma meza ao centro, á qual Henrique se encontra sentado, lendo alto a carta que acaba de escrever.

SCENA PRIMEIRA

HENRIQUE, DEPOIS MARGARIDA E MARIA

Henrique (*só*)

«Corre um anno de vida desgarrada
Que sempre tem levado o teu amante,
E outra vida, decerto, attribulada,
Suavisar, se procura, n'este instante.
Vou partir, Margarida, e sê feliz;
Porque emfim, cêdo apenas a um esforço
De sentimento são; e ás almas vis
Cabe-lhe sempre o premio do remorso!
Adeus! E vae fazendo o que poderes
Para esquecer este homem transviado
Do trilho, da conducta, e dos deveres!
Adeus! A nada mais sou obrigado!»

(*Fechando a carta, pousando-a na meza, e em momento resolutivo*)

Sim! sim! jámais podêra ser possível
Combater contra a minha reflexão!
E depois, que diabo! não é crível
Mudar-se o santuario da união
Pelo louco viver do mundanismo;
Não, não é crível ter a vida assim,
E salvar-me, procuro, d'este abysmo,
Quando, demais, alguém soffre por mim!

(*Pausa e reflectindo depois*)

De facto, Margarida tem encantos,
Tem sim, mas quaes? Aquelles tão sómente
Que a tornam fascinada só de quantos
A pretendam gosar satyramente!
Goso estúpido, goso só brutal,
Que nos converte em fêras, ou ainda
N'um ente desprezível e anormal!

(*Pausa, exclamando depois com sentimento*)

E abandonar-te, eu, minha bôa Arminda,
Levado na corrente d'esse imperio!

(*Tirando um retrato do bolso e admirando-o*)

Oh! rosto tão suave de mulher!
Perfil tão nobre, tão grande, tão sério,
Como não será muito o teu soffrer!
Semblante de bondade, a contrastar
Com falsos attractivos de mundanas!
Aqui, traços de paz bem salutar,

(*Em meditação*)

N'aquellas... linhas torpes e profanas!
Rosto meigo que outr'ora me prendeu,

A elle regresso, a elle vão meus passos,
E crê que vou guiado pelo ceu,
Buscando, d'amizade, os santos laços.

(Beijando o retrato e levantando-se de subito)

Ah! É verdade! Tenho d'ella um filho!
Nem me lembrava d'esse poderio!...
Foi a fatalidade do meu trilho,
E complemento do meu desvario...
Comtudo, não importa, porque em suma,

(Conformando-se)

É producto de falsas relações
Que se dissolvem, qual tenue espuma...
Existe uma creança; mas razões
Me forçam a esquece-la já tambem.

(Tirando do bolso uma carteira)

Concedendo dinheiro em abundancia
Para que Margarida, como mãe,
Provenha ao alimento dessa infancia.

(Pousando a carteira na meza e espreitando em silencio a uma porta lateral)

Coitadita da pobre creancinha!...
A dormir!... Tem nos labios um sorriso...

(Atirando-lhe um beijo)

Recebe um beijo, o ultimo, filhinha!...

(Retirando-se a custo)

Custa-me... mas então? Se me é preciso!
E depois, meu bom Deus, crê, eu vos juro,
Que farei tudo quanto fôr humano
Para vellar por ella no futuro!

(Pausa, depois da qual, com coragem)

Vamos!

(Parando e com desalento)

É bem profundo o desengano!

(Pegando no chapéu)

De resto, casa, orgia... tudo ahi fica...
E volto, emfim, ao lar santo e bemdicto,
Onde, só de virtude, a vida é rica,
E onde chego humilhado e bem constricto!
(Sae rapidamente).

SCENA SEGUNDA

Margarida *(só)*

(Entrando por uma porta lateral e esfregando os olhos)

Safa! Que dormir tão pesado o meu!
Nem que fosse uma noite d'hymeneu,
A prolongar um somno de fadiga!
E então, que curiosa lucta e briga
Com os sonhos, os mais extravagantes...
A vêr-me rodeada só d'amantes,
Que disputavam a honra e primazia
Da posse luxuriante d'uma *Lia*!
Safa! Que pezadello interminavel...

(Pausa, depois da qual, repara na carta)

Olá! Temos missiva? D'um amavel

D. Juan, talvez?

(Vendo a letra)

Mas não, porque esta letra
Pertence ao cavalheiro que penetra
No aposento. É do meu nobre senhor!
Não ha duvida! Ou antes, e melhor:
É d'um obediente e humilde escravo!

(Lendo a carta e cynicamente admirada)

An?! O quê?! Que diz elle?! Bravo! Bravo!

Muito bem! Apoiado! É admiravel!

(Largando gargalhada sarcastica)

Eis uma acção esplendida, louvavel!

(Sentando-se)

Coitado! Que desgraça! Pobresito,
Que diz voltar em tudo bem constricto
Aos braços da mulher! *(rindo)* sim, sim, coitado
Do triste e pobre errante, transviado
Do bem!... Mas que pateta! Mas que tolo!
Vae-te menino, vae-te, que o consôlo

Não me falta, acredita; podes crêr!
E lança-te nos braços da mulher,
Pois que duvida? Ora essa? Porque não?

(Com sarcasmo)

Mas que parvo, irrisorio e toleirão,
Não veem!? Que ridiculo ignorante,
Que nem ao menos sabe ser amante!
E deixa carta, sem ter a coragem
De dizer que se acolhe na frondagem
Da virtude!

(Reconsiderando)

Virtude! Mas que é isso?!
Um nome que se torna ôco e omisso
Entre nós. A virtude é ter dinheiro
Que bem nos sustente o orgico viveiro,
Porque amantes, se atiram para o lixo,
Vindo outros que sustentem o capricho!

(Indo para sentar-se e reparando na carteira)

Ah! espera! deixou uma carteira!
E tem notas! Lembrança bem certa,
Porque... enfim... é só isto o essencial
P'ra presidir á nossa bachanal...

(Depois de fechar a carteira e como que tomando uma rapida resolução, senta-se a escrever uma carta, tocando a campainha).

SCENA TERCEIRA

MARGARIDA E UMA CREADA

Maria

(Entrando de fundo)

Que deseja?

Margarida

Recado algo importante
Que desempenharás já, n'este instante.

(Levantando-se)

Levarás esta carta ao outro andar,
Mas não te debes nada demorar
Porque inda outro negocio bem urgente
Teremos que cumprir, presentemente.

(Entregando a carta á creada, que sáe)

Vae...

(9)

SCENA QUARTA

Margarida (só)

Ora pois... sou livre por minutos
Dos élos deshonestos e corruptos!
Mas não tão livre, não tão livre ainda,
Que Henrique não levasse á D. Arminda
O fructo do transvio de seu marido.
Coitado! Mas que triste arrependido!

(Rindo)

E talvez concebesse que o seu filho,
De futuro, me sirva d'impecilho.
Ná, ná! Quem se desliga a compromissos,
Não o faz com intuitos só postiços.
Pois que!? Foge da vida deshonesto,
E deixa aqui o pomo de tal festa?!
Ná! que o leve; que o leve para o lar,
Onde a contricção vae representar.
E depois, almas vis, más e perversas,
Pódem ás vezes ser nobres e adversas
Ao crime.

(Entrando rapidamente na alcova e voltando á scena com uma creança de seis mezes)

Vaes gosar criação casta,
Que te infiltra dignissima *Madrasta*:
Vaes sahir d'este reles ambiente,

Onde se perde muita e muita gente!
(*N'um momento de subita reflexão e levando a mão á testa*)
An?! Que digo? Que disse eu inda agora?!
Não seria um lampejo, ou uma aurora
De verdade, que acaso illuminou
A minha alma, e p'la mente me passou...
(*Com resolução*)
Sim, minha filha, quero que vás. Vae;
Vae acolher-te á sombra de teu pae;
Vae abrigar-te n'essas consciencias
Que salvam e redimem existencias!

{10}

SCENA QUINTA

MARGARIDA E MARIA

Maria (*entrando*)

Satisfeito foi já o seu recado...

Margarida

Pois outro tem de ser executado
E deligentemente. Espera um pouco,
Emquanto escrevo á *Dona* d'esse louco
Que hoje me abandonou. E na pequena
Segura já.

(*Entregando-lh'a e sentando-se a escrever*)

Alguns traços de pena,
E prompto. Nada mais ha a fazer
Na consciencia de tão reles mulher!

(*Dictando o que escreve*)

«Senhora!

Deposito essa creança,
Filha de seu marido, e esperança
Tenho que irá ser muito mais feliz,
Do que no antro que apenas só se diz
Do vicio, da vergonha!»

(*Entregando a carta á creada*)

Ora aqui tens...

(*Á parte*)

E inda dizem que são más estas mães!

(*Á creada*)

Desejo que sem perda de momento
Ás minhas ordens tragas cumprimento.
Procuras indagar qual a morada
Do fugitivo Henrique, e lá, na escada,
A pequenita debes collocar,
Bem como a carta junta ahi deixar.
Depois, tens que affastar-te de repente,
Percebes?

Maria

Muito bem, e fico sciente.

(*Estupefacta*)

Porém, senhora! nem sequer um beijo
Na creancinha?!

Margarida (*imperiosa*)

Basta-me o desejo
Da sua vida. Vae! Assim t'o ordeno,
Muito embora com alma de veneno!

Maria

(*Indo a sahir e parando ao fundo*)

Mas... mas de que é feito esse coração?!

Margarida (*indicando-se*)

É coisa que não ha na habitação!
Vae...

Maria (*repentina*)

Irei. (*sáe*).

{11}

SCENA SEXTA

MARGARIDA E FERNANDO

Fernando (*entrando*)

Margarida! A que dever
A honra e o distinctissimo prazer
Da sua carta?

Margarida

(*Approximando-se de Fernando*)

Irá sabel-o já,
Meu caro e bom Fernando! Venha cá?
(*Levando-o junto á porta que deita para o quarto*)
Julgo que conquistou ardente feito!
(*Apontando para o quarto*)
Ora diga? O que vê d'aqui?

{12}

Fernando (*olhando*)

Um leito!

Margarida

Em que ha pouco vagou certo logar...

Fernando (*interrogando*)

... E então?!

Margarida

Querendo... Venha-o ocupar.

Cae o panno
FIM DO PROLOGO

{13}

ACTO I

Casa de Arminda ricamente mobilada. Portas lateraes e ao fundo. Á direita alta um biombo cuja frente dá para os espectadores e encobre de fundo o que dentro se passa. Uma creança repousa n'um pequeno berço. Ao centro da salla uma meza sobre que pousa um cesto de costura e onde se encontram algumas peças de enxoval para creança. Arminda, junto á meza, vae contando uma a uma e com sentimento aquellas pequeninas peças de roupa.

SCENA PRIMEIRA

Arminda (*só*)

... E vinte!...

O indispensavel enxoval
P'ra essa creança, que é filha do mal!
Apenas o preciso p'ra o conchego
Do ente, que, desvario tolo e cego,
Arrumou para o mundo, e que o destino
Trouxe ao lar do infortunio! Meu Divino
Deus! A vossa vontade seja feita!
E a mulher, que a desdita sempre espreita,
Curva-se ante o poder d'essa grandeza,
Que a ella me ligou e me traz preza!

(*Com dôr*)

Um pequeno enxoval, mas sufficiente
Para poder cuidar d'esse innocente
Que a vil libertinagem engeitou!
Que a infamia, por onde só errou
A vida impura, incasta e illegitima,
Trouxe aos portaes da sua triste victima!

(*Affastando-se da meza*)

E que havia a fazer?... Repudiar
O fructo da loucura?... Regeitar
A offerenda, que, quem sabe? foi Deus
A salva-la do mar, dos escarceus
Da ignominia?! Quem sabe? foi quem
A doa-la aos carinhos d'outra mãe!
Que havia de fazer? Tornar-me ré
Da deshonna, e com simples pontapé
Exclamar:--Vae, vae para a sociedade
Em que se mancha e perde a honestidade!
Vae tambem corromper-te em sacrificio
D'essa libertinagem, e do vicio!

{14}

Não! Não! Ninguém me dá esse direito,
Que apenas crearia mais um leito
Na impudica mansarda da baixeza!
Não! ninguém me auctorisa essa fraqueza.
Ninguém, mesmo ninguém, tal me concede,
Nem jámais a minha alma diz e pede
Que lance p'ra mizeria e para o crime
Uma outra alma que d'elle se redime!...

(Entrando no biombo, e junto ao berço, com resolução)

Fica, pobre creança! Assim o quero
Fica, porque eu respeito e mui venero
O que o destino dá.

(Com pausa e sentimento)

Elle predisse,
Em leis, que essa cruel libertinice
D'um marido não tinha o grave jús
De arrumar-te, impiedosa, para o púz
Virulento d'infame corrupção!

(Curvando-se sobre o berço)

Fica sim! Tens aqui um coração
Repleto de carinho e sentimento!
Fica no lar, que, como deserta ilha,
Escolhos cerca! Fica, és minha filha!...
E tudo, pelo meu Deus, eu perdôo.
Fica creança, fica... Eu te abenço!

(Sentando-se junto do berço)

E aqui 'stou sendo mãe, mãe adoptiva,
Do gérmem d'essa orgia productiva!

(Pausa)

Não quiz Deus dar-me um filho que pedia,
E que n'este deserto tanto urgia,
Para que n'um momento, n'um instante.
Tenha d'acalantar o que é da amante!
Não quiz Deus conceder-me tal mercê!...

(Pausa)

Marido... foge ao lar por onde a fé
Do amor pode ser a unica sincera...
E lá vae, lá vae elle como a féra
Viciada, em procura do covil,
Onde recebe o goso d'essas mil
Desgraçadas sem alma, sem consciencia!
Lá vae elle, deixando esta innocencia
Do altar que a pura Igreja solidou,
Em troca do que nunca, nunca amou;
Porque amar, nunca e nunca sabe, quem
Se ausenta de tão santo amor de mãe!
Lá vae, lá anda n'essa podridão
Que rouba o sentimento e a razão!
Que destroe, injuria e enxovalha,
Que infecta, que corrompe, prende e emalha
A noção do respeito p'lo dever!
Lá anda n'esse impudico prazer,
Cujas garras tão vis, cynicamente
Arrebatam do puro e casto ambiente
Todo esse bem, que n'elle se creara;
Cujas garras, de força bruta, avára.
Arrebatam do lar santificado
O descanço e o bem que lhes é dado!
Lá anda, lá vegeta no monturo
Mais ignobil, mais baixo, mais impuro,
Que a desgraça creou, sustenta e nutre;
Filando com intuitos só de abutre,
E attributos de farça e d'ironia,
As prezas de tão grande vilania!
Vilania,-que em seu lubrico espasmo,
Chasqueia da virtude, com sarcasmo,
Ri da fé, desvirtua a honestidade,
Deprava o sentimento e a dignidade.
Insulta, zomba e rasga sem respeito
O véu do precioso preconceito!
Suja, quebra, dissolve e inutilisa,
Macúla, estraga e já esterilisa
A pureza e o brilho do que é são!
Abala, derrue, prosta em confusão,
Det'rriora, desfaz, calca e elimina
A graça do bom lar, graça Divina!...

(Pausa, deixando tombar a cabeça sobre as mãos e exclamando dolorosamente)

E foi... foi assim que essa vilania
Me roubou o socego e a alegria!

Foi assim, assim, que ella aqui entrou,
E que de mim se riu e só zombou!
(*Encosta-se sentidamente ao berço*)

SCENA SEGUNDA

ARMINDA E HENRIQUE

Henrique

(*Abrindo cautelosamente a porta de fundo, entrando a medo e penetrando a pouco e pouco no aposento, falla a meia voz.*)

Ninguém!... Sómente a paz religiosa
Da verdade!... Só graça harmoniosa
Da virtude!... Sómente o ar suavissimo
Do bem!... O perfumado e o dulcissimo
Aroma a castidade.. que trahi!...

(*Respirando desafogadamente*)

Ah! Como se respira bem aqui!...
Deixai-me que, aspirando a longos tragos
O balsamo do amor e dos affagos,
Eu bem me purifique no sacrario
Que envolve o precioso relicario
Do natural, do justo, do acceitavel!

(*Suspirando de novo*)

Ah! Sim! mas que atmospheria respiravel
A realidade!

(*Começa o dialogo natural entre os dois, que se não vêem e se não ouvem um ao outro*)

Arminda

(*Parecendo despertar dum sonho*)

E tudo, só tudo isto,
Se me afigura um sonho!...

Henrique

(*Olhando para o ambiente*)

Além, um Christo,
Em expressão suavissima, a espargir
Bondade, a abençoar, a redimir!

Arminda

(*Olhando para a creança*)

Coitada! Que destino o teu seria!?

Henrique

(*Continuando a reparar em tudo*)

Ali, a Virgem Mãe! Virgem Maria,
Recebendo o amor em seus ternos braços.

Arminda

(*Descobrimdo o rosto da creança*)

E em verdade, verdade, muitos traços
D'esse teu pae, na frente, tens escriptos...

(*com ternura*)

Aos d'elle, se assemelham teus olhitos!

Henrique

(*Voltando-se para a meza*)

Aqui, vejo uma cesta com roupinha...

Arminda

(*Continuando a examinar a creança*)

E também se parece esta boquinha
Bem rosada...

Henrique

(*Analysando a roupa*)

Enxoval d'uma creança,
Posto em disposição cuidada e mansa.

Arminda

O narisito não. Destôa um pouco
Do perfil d'esse mau e d'esse louco...

Henrique

(*Pegando em algumas peças de roupa*)

Chambrinhos e babeiros; camisinhas...

Arminda

(*Descobrimdo a creança*)

São perfeitos os braços e as perninhas...

Henrique

(*Continuando a analysar a roupita*)

E outra tanta roupinha de petiz,

(*Admirado*)

Decerto, para algum ente feliz,
A quem Arminda serve de madrinha.

(Cobrando a creança)
Pobresita! Afinal és isentinha
Do peccado...

Arminda

(Deixando a roupa e affastando-se um pouco da meza)
Ella é meiga e caridosa...
É tão 'smoler, é tão affectuosa
Para os pobres...

Henrique

(Levantando-se, dá um beijo na creança, vae lentamente sahindo do biombo para entrar na salla e exclama)
Meu Deus! Meu bom Senhor!
P'la Infinita vontade e grande amor,
(Sahindo do biombo)
Ahi fica, ahi fica essa creança,
Que n'este triste abrigo a sorte lança...

Arminda

(Avançando, surprehendido, para Arminda)
Senhora!...

Henrique

(Recuando atonita)
Ah!... Mas... Que vem fazer aqui?

Arminda

(Suffocado)
Buscar essa amizade que perdi...

Henrique

(Surprehendida e admirada)
An?! Buscar amizade?! Onde está ella?!

Arminda

(Avançando um pouco)
No saudoso ambiente d'esta cella!

Henrique

(Cada vez mais surprehendida)
O quê?! Aqui?! Decerto se enganou,
E sem duvida, creio, a porta errou.
Diga? Diga? Que veio aqui fazer?!...

Arminda

Abrigar-me ás caricias da mulher...

Henrique

(Profundamente admirada)
Hein! Que diz?! Da mulher?! Bem affirmo eu
Que o senhor se enganou, e qual judeu
Errante, anda passando em falsa estrada,
Illudindo-se ao certo na morada!

Arminda

(Avançando mais)
Arminda!...

Henrique

Ah! sim, sim! É esse o meu nome;
Porém, tal coincidencia não assome
O direito de crer-me quem procura;
E revella sómente muita uzura,
Imaginar, que cá, por este mundo,
Esse nome de mim seja oriundo!...
Sim! Armindas ha muitas, acredite,
E tantas, tantas, que bem me permite
Repetir quanto falham seus caminhos!...

Arminda

(Com sentimento)
Que têm sido d'abrolhos e d'espinhos.
Senhora!...

Henrique

(Impaciente)
Vamos! Vamos! Que deseja?

Arminda

(Contricto)
Confessar uma culpa que me peja.
E se ha muito, se ha muito ando perdido,
Bem penitente aqui tem seu marido!...

Henrique

(Com repugnancia)
Que diz o senhor?! Meu marido?!...

Arminda

(Corajoso)
Sim,
E n'essa qualidade eu aqui vim...

Henrique

(Com serenidade)
E como tal pretende apresentar-se?!...

Arminda

Se dá licença?...

Henrique

Arminda

(Apparentando tranquilidade e indicando-lhe uma cadeira)

Então! Queira sentar-se.

(Ambos se sentam em vis-à-vis junto á meza. Depois de pausa)

Com effeito... e em verdade, ideia tenho
De que alguém, com astucia e muito engenho,
Um dia conseguiu vêr-me no altar
Dos esponsaes. E ali, p'ra consagrar
Tal acto ou sacramento d'evangelhos,
Ante um homem dobrei os meus joelhos!
Então... padre d'aspecto venerando,
As orações do rito foi rezando,
Emquanto duas almas se fundiam
Á lei de Deus, e dois peitos se uniam
Ao regimen da mais pratica escola!
Deram-se as mãos; depois, a branca estóla
As cobriu, invocando o juramento
Que firmaria o Santo Sacramento!
(Descançando)

E jurámos, jurámos n'esse exemplo,
Que nos manda crear o bello templo
Do amor! Mas, amor, não é ter por tecto
Sómente a guarda e abrigo d'um affecto!
É mais, que de sublime, tem o vulto!
É n'elle edificar paz, honra e culto!

E assim, bem se jurou mais igualmente
Que, obreiros de castissimo ambiente,
Erigissem alli, em devoção,
O respeito, dever, religião!

(Pausa, depois proseguindo)

Realmente, senhor, lembra-me que um dia,
Quando sã madrugada alvorescia
Toda em perfumes, canticos e flôres,
Alguem, que de mim tinha por amores,
O symbolo d'aliança me entregava,
E em meu peito dizia que se achava!
Lembra-me!... Se me lembra, meu senhor,
Tão lindo despertar, tão lindo alvôr
Da pura realidade dos meus sonhos,
Feitos de beijos castos e risonhos,
De melodias suaves e plangentes!

(Com mais vida, erguendo-se)

Se me lembra a manhã em que dois entes,
Deleitados na força da paixão,
Se uniam em solemne sagração
D'um tributo!...

(Pausa, depois com magua)

Recorda-me... Entoava
O orgão religiosos sons! Resava
Por assim dizer preces ao Bom Deus
Pelo bem de sagrados hymineus.
E que sons! E que sons tão inspirados
Na graciosidade d'uns noivados!
Que harmonia e conjunctos fervorosos,
Embalando a união de dois esposos!
Que accordes, que hymnos tão sentimentaes,
Incensando d'amor uns esponsaes!...
Sim!... Recordo em verdade o sorridente
Dia, e conservo ainda bem presente
Toda a felicidade que senti!...

(Pausa e apontando a porta de fundo)

Olhe... repare... foi... foi por ali
Que eu entrei com soberba magestade,
Envolta no meu véu de virgindade!
Foi por ali que entrei; e junto a mim
Vinha um noivo exclamando: «Emfim! Emfim!»

(Levantando-se e interrompendo-a)

E esse noivo, senhora, era...

(Atalhando)

Era alguém,
Que na ambição de posse que se tem,
N'essa grande ambição a que se aspira,
Julgou depois que tudo era mentira,
Falsidade, illusão, tolice e asneira!
Era alguém, que fitando em pasmaceira
A vitrine d'objecto precioso,
Pensou e reflectiu que ao usar-lhe o goso,
Exagerára as suas qualidades,

Henrique

Arminda

E se precipitara nas vontades!

(Pretendendo interrompel-a)

Mas, senhora...

(Atalhando-o)

Não queira ter o arrojo
De desmentir-me, pois qual, qual estojo,
A guardar um brilhante lapidado,
Assim foi e era o meu véu de noivado;
Assim foi o meu véu, que descoberto,
Lhe mostrou, afinal, o que de incerto
Era o seu pensamento em ideal...

(Interrompendo)

Mas hoje, o positivo e o real...

(Impondo silencio)

Nada d'interrupções! Estou fallando,
E desejo ir a pouco demonstrando
O meu sentir. Dizia eu ha bocado
Que, tal como brilhante lapidado,
Era a mulher sahida da innocencia
Para o mundo da prova e exp'riencia.
E... e senão, vejamos! Em geral,
Tem a mulher encanto natural,
E attracções de que muito foi dotada;
Mas quando pretendida, quando amada,
Eil-a que se transforma em maravilha,
E qual estrella, attrahe, encanta e brilha!...
Anjo do ceu, que assim tanto seduz,
Astro de fé, de vida, d'alma e luz;
A guia, o norte, a briza perfumada.
A lyra d'amor, Virgem, Deusa e fada,
Tudo, emfim, de tal modo concebida,
De tal maneira olhada e percebida,
Que um Velasques, Murillo ou Raphael
Jámais produziriam do pincel
Inspiração equal! Mas, como as flôres
Que em jardim vão brotando de mil côres,
A ellas bem se assemelham as mulheres.

Cravos, jasmims, tulipas e outros seres
Que da especie Deus pôz em geração,
Um ha que nos merece distincção,
E para elle vae vista attenciosa.

D'entre as flôres, destaca-se uma, a rosa,
Pela côr e finura de formato;
Aroma que daria suave extracto,
E viço tal, que lagrimas d'orvalho
Pousando-lhe com arte e lindo talho,
De perolas, imita, collar fino,
A guarnecer um collo alabastrino!

Elegancia suprema, ar donairoso,
A rosa attrahe olhar ganancioso:
E com motivo, pelo mundo inteiro
Lhe chamam a rainha do canteiro!

Admira-se, contempla-se a belleza
Que a nossos olhos deu a natureza!
Pasma-se em fascinante adoração
Absorvendo o producto, a criação
Genial! E depois, não resistindo
Ao desejo de ter o fructo lindo,
Corta-se o encanto, o iman attractivo,
Para figurar qual decorativo
N'uma jarra de *Sevres*, ou crystal!

Mas, coitada! eis ahi todo o seu mal!...
A pobresita já dias após
Não escutava nem ouvia a voz
Da admiração! E ha pouco despresada,
Sem carinhos, de todo abandonada,
Curva-se, tomba, murcha, cahe e acaba!
Nem sequer o perfume que exhalava
Vem recordar a sua contextura!
Morreu e foi-se, foi-se a formosura!...

(Com desalento)

Assim é a mulher que s'enaltece:
Tambem se apaga, cahe e desfallece...

Henrique

Arminda

Henrique

Arminda

{23}

{24}

(Ouvem-se n'esta altura uns vagidos de criança)

Henrique

Por Deus, senhora! attenda... queira ouvir
A voz de quem pretende redimir
Os erros de uma vida attribulada...
(Redobram os vagidos da criança)

Arminda

(Procurando affastar-se)

Não posso! Veja que outra vida brada
Pela minha presença, e bem m'incute
Um dever! Veja! attenda? escute, escute
Os vagidos d'aquelle innocentinho
Pedindo o meu conforto e meu carinho!

Henrique

(Attonito e escutando)

Os vagidos!? Os choros de criança?!...
(Confuso)
Mas, minha senhora!

Arminda

(Interrompendo)

É uma herança,
Que chama os meus cuidados!

Henrique

(Inquieto)

Mas perdão!
Apenas um minuto d'atenção!
(Em confusão d'ideias)
Aquelle choro!... tão infantil!...
Traduz-me a existencia de um ardil!...
Espere: Espere?
(Avançando)

Arminda

Diga, mas depressa,
Pois que aquelle lamento jámais cessa
Sem ternuras de mãe!

Henrique

(Atalhando)

Senhora!

Arminda

(Cruzando os braços)

Que ha?!...

Henrique

(Aparentando soffrimento)

O martyrio em minha alma! Mas... ná... ná...
Não pode ser! Não pode! Diga?! Diga?!
A que data, a que data, sim, se liga
O nascimento d'esse seu vivente?

Arminda

(Impassivel)

Tem seis mezes approximadamnte!...

Henrique

(Muito surprehendido)

An!? Seis mezes?! Senhora! o que me diz?!

Arminda

A verdade! Foi Deus que assim o quiz!...

Henrique

(Dolorosamente invocando a memoria)

Deus?! Foi Deus!? Contudo... essa referencia
Não condiz com a minha grande ausencia
Desta casa! Senhora! Por quem e?
Veja o que em meu semblante já se lê,
Sabendo-se que ha mais, ha mais d'um anno
Me ausentei... E esse filho... é...

Arminda

(Interrompendo)

É profano!...

Henrique

(Avançando de punhos cerrados e exclamando)

Ah!...

Arminda

(Imperiosa)

Suspenda! suspenda, desgraçado!
Que não tremo ante o facto consumado!
Suspenda, porque não me atemorisa
A ira de quem adopta por divisa
A infamia! Pare, pare, não avance,
Que não vacilarei em frente ao lance
Despotico de tão vil caminheiro
Do mal! Sim! pare, pare, cavalheiro,
Suspenda, porque não tremo perante
Affirmar... que esse filho...

Henrique

(Interrompendo)

É?...

{27}

Arminda

(Altiua)

D'um amante!...

Henrique

(Interrogando)

E a mãe!...

Arminda

É a mulher que deshonorou
O nome d'um marido, que aviltou
A dignidade dum sêr conjugal,
E se lançou para esse lodaçal
Da miseria humana! É a mulher
Que na loucura d'orgico praser
Se lançou ao enxurro da corrente,
Vestal indecorosa e deprimente!...

Henrique

(Interrompendo, e convencido de ser victima de cilada)

É a mulher, que, sem honra e vergonha,
Buscou a aviltantissima peçonha
Da desforra cruel, não é verdade?
A mulher que, perdendo a dignidade,
Em troco de torpissima vingança,
A mostra, com a prova da creança
Existente no lar, que de novo ora
Procuro. Que se não vexa, nem cora,
Com a pratica d'um crime aviltante;
A mulher que na sêde devorante
De debitar affrontas, só reclama
A moeda emprestada, e a si chama
O direito d'um plano indecoroso,
Pagando-se com acto vergonhoso;
Atirando-me ao rosto grave insulto,
E corrompendo todo, todo o culto
Que deve ter-se pela honestidade!
A mulher que despresa a probidade,
E que na hora da minha reflexão,
Aponta esse signal de corrupção,
Como atroz vilipendio e atroz injuria!
É a mulher ardendo em odio e furia
Vingativa, sem alma, sem nobresa,
Sem outro qualquer dom de que se presa
A sociedade, pois não é assim?
É a mulher que jura contra mim
A guerra, de, a façanha, outra façanha,
E que em descaramento me arreganha
Os dentes da villesa e da traição!
A mulher que transforma o coração
Em veneno odioso e repelente,
Para em dado momento, e ardilmente,
O injectar em minha alma, proclamando
Um feito immoralissimo e execrando!
A mulher que s'isenta do civismo
E logo se mascara do cynismo
Que ultraja, sem que ao menos se recorde
Que a raiva que inocula, quando morde,
Encerra sempre o virus e o microbio
Para sua deshonra e seu oprobio!
É a mulher, emfim, que, sem virtude,
A taes proezas tão vilmente allude!
A mulher, que tal nome não merece,
Quando só se desprende e só se esquece
Do fim para que fôra concebida!
É a mulher, em suma, confundida
Na escoria da miseria, que profana,
Que atraição, e que tudo, tudo engana!...

{28}

Arminda

(Interrompendo)

Ora nem mais, diz bem! É essa mesma:
É essa tal, o monstro, essa abantesma
Que descreve, acredite? É essa, é essa
Misera que se expõe e que confessa...

Henrique

(Interrompendo)

O proceder infame d'uma esposa!

Arminda

(Interrompendo indignada)

É lá! Suspenda a phrase rancorosa,
E não se atreva, não se atreva a tanto!
Falla-se da mulher, saiba; porquanto,
A esposa, está aqui, embora diga
Que deixou de o ser, para quem se abriga

(Furioso)

E a senhora? Onde se abrigou?

Henrique**Arminda***(Correndo para junto do berço onde se encontra a criança, cahindo de braços sobre ella, chorando, emquanto Henrique lhe vae seguindo todos os movimentos.)*

N'esta vida que Deus me destinou!

Henrique*(Crusando os braços)*

Mentira! e hypocrisia! Diga-me antes
 Que se abriga ao producto d'uns amantes!
 Que se abraça á tristissima irrisão
 Da mais adúlterina concepção!
 Diga antes, que se acolhe na sentença
 Que me fôra ditada; e que em presença
 D'esse escarneo, se prova a hediondez
 D'um crime, que a vingança traz e fêz!
 Diga-me, antes, senhora, que aconchega
 O fructo que a immoral lhe deu e lega
 Como espelho constante de traição,
 Como sobrio reflexo da illusão
 Em que cahi!...

Arminda*(Levantando-se e enchendo-se de coragem)*

Pois seja! Assim o diga!...

Esta creança...

Henrique*(Interrompendo)*

O insulto!...

Arminda*(Interrompendo)*

É o castigo!

Henrique*(Recuando e disposto a sahir)*

Passe Vossa Excellencia muito bem
 Minha Senhora!!

(Apontando para a porta)

Aquella porta, tem

O condão de se abrir ante a passagem
 D'este tão illudido personagem;
 E se aqui vim, buscando honestidade,
 Convicto saio e vou, da falsidade
 Com que ella se proclama e annuncia!
 Tudo, emfim, é a mesma hypocrisia,
 Variando sómente em sociedade;
 Porquanto; se lá fora a indignidade
 Se expõe, aqui se occulta no cynismo
 Que rodeia o ambiente! Pasma e abysmo,
 Senhora, do que vejo! Abysmo e pasmo
 Ante o revoltantissimo sarcasmo
 Que preside á mudança d'este lar
 No mais indecoroso lupanar!

Arminda*(Revoltadissima)*

E eu então, pasmo e abysmo, meu senhor,
 Do biltre que, sem honra e pondonor,
 Se arroja a censurar, altivamente,
 A esposa que despreza infamemente!

(Altiva, apontando-lhe a porta)

Saia! Que jámais tem auctoridade
 Para insultar, quem só na indignidade
 Vagueia e lá procura o seu viver!

Henrique*(Altivo)*

Mas eu sou homem!

Arminda*(Avançando um pouco para o fundo, emquanto Henrique vae recuando para sahir)*

E eu... eu sou mulher!

(Indica-lhe a porta)

Fim do primeiro acto

ACTO II

A mesma salla do acto anterior e com a mesma disposição. Dentro do biombo que continua a encobrir a vista dos personagens de scena, encontra-se ainda dormindo a criança. Ao subir o panno, entram pelo fundo Henrique e Margarida.

SCENA PRIMEIRA

HENRIQUE E MARGARIDA

Henrique

Ora aqui tem os novos aposentos
Que servirão de galla aos meus intentos.
Repare? Veja o luxo d'esta salla,
Que a nada, mesmo a nada mais se eguala.
Hein! Hein! Que lhe parece?!

Margarida

(Admirada)

Realmente,
É soberbo! ideal! Mas, francamente,
Acho bello de mais: bello de mais
P'ra quem se entrega a gosos tão vestaes!...

Henrique

Engano, Margarida, puro engano;
Tudo isto é impostura e só profano!
Apenas a mudança de scenario,
Com quanto lhe pareça um relicario
O que está vendo, creia. Tão sómente
D'aspecto a mutação, mas aparente
E falso, no que indica, pois de facto,
Quanto vê, é traidor e bem ingrato;
Senão vejâmos: Ha n'este conjuncto
O mais completo, o mais perfeito assumpto,
Para que se analyse e fundamente
Toda, toda a ironia d'este ambiente;
E descrever, eu vou, essa ironia,
Sem lhe oppôr a mais leve phantasia.
Queira ouvir:

Ouvirei...

Margarida

Henrique

Repare então:
O que se nota n'esta perfeição,
Unicamente serve p'ra esconder
A cynica existencia da mulher!

Margarida

(Interrompendo)

Minha rival? Talvez!?

Henrique

Nem mais, diz bem!
Sua rival, que arrojo mostra e tem
Para se apresentar envaidecida
No luxo de que a salla é guarnecida.
Conhece-a?...

Margarida

Talvez não... eu nunca a vi...

Henrique

Pois para isso a conduzo eu hoje aqui:
Mas antes, extasie-se no espavento
D'estas decorações, cujo elemento
Só pretende encobrir o que lá fóra
Se chama a todo o instante e a toda a hora
Miseria, corrupção e tudo o mais
Que tanto affronta e insulta bons mortaes!
Admire-se perante as bambinellas
Que, pendentes das portas e janellas,
Servem para vedar todo este centro
A bachanaes, passadas aqui dentro!
Reveja-se em vestaes tapeçarias
Soffucando o ruido das orgias;
Nos estofos que abafam enthusiasmos,
Os gritos de volupia, os espasmos
D'uma lubricidade illimitada...

Margarida

(Interrompendo)

Mas diga? Não será exagerada
A affirmativa?

Como assim? Duvida?

(Admirada)

É que, em verdade, nunca em minha vida
Soube como se possa conjugar
Toda a revolução do lupanar
Com esta ordem e acceio que estou vendo;
E com effeito, Henrique, não entendo,
Não percebo a harmonia que se avista,
Sómente discordante e antagonista
Ao meio onde se espalha a corrupção.

É o que lhe parece...

Qual? Não; não
Posso acreditar, não, no que me diz,
Pois que a nossa existencia jámais quiz
Aceitar os cuidados d'este apuro.

(Interrompendo)

E comtudo, affirmo, é um lar prejuuro...

(Em duvida)

Será, mas... mas para isso não se admitte
A apparencia do arranjo, que transmite
Não sei que, de completa opposição
Á anarchia da nossa profissão;
E eu sinto que d'istante para instante
O esp'rito se consulta, inquietante,
Na atmosphera que aqui dentro respiro...
Diga? Diga? Onde estou eu?!...

N'um retiro
Cuja devassidão bem se proclama,
Repito, muito embora tenha a fama
D'honesto, muito embora elle se incense
D'um perfume que nunca lhe pertence.
Duvida ainda?

Sim! eu... eu duvido!
Porque não póde ter aqui vivido
A mulher que appellida de devassa;
E affirmarei, senhor, que a nossa raça
Foge a toda e qualquer preocupação,
Que não seja gosar devassidão!

(Olhando para tudo)

Tudo isto que a meus olhos se depara,
É coisa que se torna muito rara
A nossos olhos! Coisa vaga, inutil,
Sem valôr, pueril, impropria, futil,
Para quem como nós, p'ra quem como eu,
Se ceva nos instinctos que me deu
A sorte, e se refaz insaciada
Na sêde d'uma vida depravada!

(Approximando-se de uma chaise-longue, e fazendo signal a Margarida para se sentar)

Está bem Margarida, venha cá;
Sentemo-nos, que mui não tardará
Que momento opportuno e bom ensejo
Apresente mil provas de sobejo,
Destrahindo, negando e desmentindo
Tão errada impressão que está sentindo.

(Sentando-se)

Impressão tal, senhor, que, na verdade,
Se apossa de mim com necessidade
De profundar o fim deste recanto,
Receosa de crêr que seja o manto
Da deshonna que o cobre. Pois! Pois quê!
Aonde e em que parte é que ella se vê
Vegetando assim? Diga-me: em que parte
Ella pode adorar a belleza e arte
Do conjuncto tão bem disposto aqui?
Não, Henrique! A deshonna folga e ri
No turbilhão d'immenso desalinho,
Não lhe sobrando tempo p'ra o carinho
E trato da vivenda que se habita;
A deshonna sómente tem escripta
Na mansarda a legível taboleta
Que annuncia onde pára, onde vegeta.
E as nossas mãos, que apenas tem o dom

Henrique

Margarida

Henrique

Margarida

Henrique

Margarida

{34}

Henrique

Margarida

Henrique

Margarida

{35}

De sentir, do dinheiro, o timbre e o som,
Não sabem como tudo isto se faz
Dentro da ordem e d'esta santa paz.
As nossas mãos têm o unico mister
De procurar os gosos e o prazer
Do ouro, que só se emprega na razão
Do luxo, necessario á attracção
Da vista indagadora das orgias,
E indispensavel para a concorrência
Da prostituidora residencia!...
As nossas mãos sómente se utilizam
Nos postiços que tanto symbolisam
O antro por onde sempre rezidi,
E já n'elle então, uma vez ali,
Quando na ausencia, quando no despojo
Das seducções, só tudo logo é nojo
No labyrintho d'horas viciosas,
Na balburdia de noites amorosas!
Uma vez ali, tudo vem dizer
Do estado social d'uma mulher!

E quer, senhor, fazer-me convencer,
Que possa n'esta casa só viver
Alguem que a minha classe represente?

Henrique

Quero sim; quero, e muito facilmente...

Margarida

Porém, como? No luxo do aposento
Não, porque n'elle ha todo o sentimento
Que eu ignoro. Na graça e harmonia
Muito menos, por quanto a apostasia
De virtudes se não traduz assim,
E nem ella se adquire com tal fim!

Henrique

Porque o sabe?

Margarida

No exemplo d'esta vida,
Que uma outra aniquilou e fez perdida!
Nas provas da existencia que atravesso,
Demonstrando que tudo isto é avesso
Á desorganizada habitação
De quem só s'expõe á prostituição!

(Levantando-se e puxando Henrique pelo braço)

Ouçã: se, como diz e me affiança,
Estamos sob um tecto d'aliança
Deshonesta; se, como bem proclama
A devassidão n'este lar se inflama
Por impudica e má camaradagem...

(Apontando para um Christo que está na parede e para a imagem da Virgem, n'um quadro)

Que faz, senhor, além, aquella imagem?
E inda est'outra aqui? tanto a destoar
Do cortejo que envolve o lupanar?

Henrique

São os taes attributos da mentira,
Ante os quaes se revê e mui se admira!

Margarida

Mentira?! Mas onde, onde apparece ella?
E como e de que fórma se revella,
Se, por muito que faça, inda a não vi...

{36}

SCENA SEGUNDA

OS MESMOS E ARMINDA

Arminda

(Entrando pela porta lateral á D. e exclamando dolorosamente surprehendida)
Ah!...

Henrique

(Reparando em Arminda e dirigindo-se a Margarida)
Quer ver a mentira? Olhe... Eil-a ahi!

Arminda

(Altivamente)
Mas que significa este atrevimento?!

{37}

Coisa de mero e simples argumento,
Não se assuste!
(Pegando n'uma das mãos de Margarida)
Apresento a minha amante...

(Timida)
Senhor! a que se atreve!?...

(Cruzando os braços)
Que farçante!

Serei; no entanto, como as bôas farças
Reclamam a presença de comparsas,
Queira representar o seu papel,
Indicando com essa alma de fel
A peçonha do mal que tanto encobre
Nas apparencias d'uma casa nobre!...
Vamos? Queira sahir d'esse mutismo
Que estampa hypocrisia e diz cynismo!
Queira tirar a mascara traidora
E mostrar ante mim e esta senhora
Como a deshonra n'este lar se fez
E abunda por aqui aos pontapés!...

(Com repugnancia)
E porque não, indigno cavalheiro!
Porque não hei-de, em modo sobranceiro,
Indicar-lhe o que pede no momento?
Porque não hei-de dar conhecimento
Ao que exige em palavras que só são
Proferidas p'la bocca d'um villão!
Porque não hei-de com toda a altivez,
Mostrar como anda o mal a pontapés?!

(Apontando para Margarida)
Mire-se no instrumento de façanhas
E d'outras mil proezas que são ganhas
Na desgraça. O mal, paira por alli,
E tambem d'egual fórma o veja em si,
Como estigma do mais reles exemplo
Da profanação d'um culto e d'um templo!

(Interrompendo e dirigindo-se impaciente a Henrique)
Por Deus, senhor! Indique-me onde estou?!

Na casa de quem só rivalisou
Com a miseria a outros imputada
E que, insultando mesmo, toda irada,
A presença das nossas entidades,
O faz, creia, nas mesmas igualdades
Do direito com que eu deva insultar,
Da causa, que m'instiga p'ra accusar;
E, se insultos se pagam com insultos,
Veremos então quem profana os cultos
Do bom caminho; quem mancha e arruina
O que a moralidade nos ensina!
Veremos então quem mais enodeia,
E quem com crime e farça mais hobreia!

(Indignadissima)
É o homem que, sem brio e pundonor,
Assim falla! É o biltre, cujo horror
Repugna a toda, a toda a consciencia,
E talvez até á d'essa existencia
Que ora aqui trouxe para mais vexame
Meu! É o homem perverso, mau, infame,
Ultrajando o que só é digno e honesto!

(Interrompendo)
Mas que ao mais pequenino e simples gesto
Irá destruir essa honestidade
Apregoada com tanta falsidade!

(Antepondo-se)
E é já tempo, senhor, para o fazer,
Visto que me pretende convencer
Do que vem affirmando.

Ouça, senhora:
Creio bem que, ante força vingadora,
Me encontro n'esta salla; e é bem certo
Que, seja p'lo que for, eu já desperto

Henrique

Margarida

Arminda

Henrique

Arminda

Margarida

Henrique

Arminda

Henrique

Margarida

Arminda

Mais ou menos da minha inconsciencia,
Para crêr que pratico irreverencia
Encontrando-me n'estes aposentos.
E eu então, que não tenho sentimentos
Senão os que a desdita me deixou,
Sinto que dentro em mim ora soou
Alguma coisa sã, e não sei quê
D'extranho, a confirmar a crença e fé
Que ha pouco me assistia, suspeitando
De que, por aqui, não anda pairando
O mal...

(Atalhando)

Mas... como assim?! Se tal suspeita,
Vae muito brevemente ser desfeita
Ante o espelho fiel, e reflectir...

(Interrompendo)

Do grande soffrimento e minha dôr!
Mas como Deus em tudo dá coragem,
Eu propria mostrarei toda a miragem
Do espelho que pretende descobrir.

(Com altivez)

Mas veja bem, que só vae reflectir
A verdade, e ella, saiba, que aniquilla
Os infames, tornando mui tranquilla
A consciencia accusada! E a verdade,
Chamando os villões á realidade,
Vae prostra-los na immensa confusão
De crimes, sem desculpa, nem perdão!
A verdade, esse grande dom do mundo,
No peito dos malvados crava a fundo
O punhal do castigo merecido!
E ai de si, miseravel! se vencido
Ficar na falsa lucta que travou!
Ai de si, se, p'ra mim, Deus evocou
A redempção, á face do mysterio
Que lhe auctorisra tão cynico imperio
D'insidiar, lançando-me labeus
Que apenas tanto o attingem e são seus!

(Com arrogancia)

Pois bem! Perante mim, e n'este instante,
Se defrontam marido e sua amante!

(Surprehendida)

Senhora!? Que dizeis?! É seu marido
Este homem que comigo tem vivido
E que, não sei porquê, aqui me trouxe?!...

É! Mas melhor seria que o não fosse!
Vamos : Perante mim e n'este instante,
Se defrontam marido e sua amante.
Procurando em vilissima baixeza
O mal que tão sómente a elles lhe peza!
E se era meu dever escorraçar
Quem se arroja e atreve a enxovalhar
Com descáro, a virtude d'esta casa,
Só muito antes a minha alma se empraza
A repudiar bem altivamente
Os instinctos de tão ignobil gente,
Ordenando que fiquem, por minutos,
Na expiação de feitos e seus fructos.

(Interrompendo)

Mas essa altivez, é demais, senhora,
Para quem se transforma em peccadora!
Essa altivez repugna por excesso,
Na mulher que adoptou igual processo
D'ilegitimidade em relações?!...

(Com desprezo)

Basta! Basta d'infames allusões!

(Antepondo-se)

Sim! Sim! Basta senhor! Não diga mais,
Porque as suas palavras são fataes,
Fataes p'ra o nosso crime, e redemptoras
Para quem se dirigem, salvadoras
P'ra quem lançadas vão! Basta, senhor,

(Apontando para Arminda)

Em nome da verdade occulta em dôr!

(Surprehendida)

Henrique

Arminda

{40}

Margarida

Arminda

{41}

Henrique

Arminda

Margarida

Arminda

Mas... o que falla ahi, n'essa existencia!

Margarida

(Com pezar)

Qualquer coisa da minha consciencia!
(Ouvem-se uns gemidos de criança).

Henrique

(Perturbado e levando as mãos á cabeça)

E agora falla a vós d'alta vingança
Nos gemidos que solta essa criança!...

Margarida

(Subitamente e apontando para o biombo)

Senhora! Quem... quem é que chora além?!...

Arminda

É um pedaço d'alma que vil mãe
Despresou!

Margarida

(Cahindo de joelhos)

Ah! Meu Deus! perdão! perdão!...
Porque falla agora este coração!...

Henrique

(Admirado perante a posição de Margarida)

Surprehende-me esse humilde movimento?!...

Arminda

Falla o remorso em forte sentimento!

Margarida

(Levantando-se e dirigindo-se a Henrique)

Bem dizia eu, senhor! bem dizia eu,
Duvidando de que isto fosse reu
Do cynismo que tanto apregoava!...

Henrique

(Surprezo)

Como assim?! Se inda ha pouco ahi chorava
O producto do crime e da traição?!

Margarida

Era a voz da verdade e da razão,
Illuminando as trevas da mentira!

Arminda

(Interrompendo)

É a prova do mal que tanto aspira.
Para me confundir n'essa torpeza
Que inventou, e que sempre se despreza
Com orgulho e altivez, porque, orgulhosa,
Bem se torna a mulher crente, e ciosa
Dos seus deveres, mesmo, mesmo quando
Isolada p'lo pessimo desmando
Do marido, mesmo inda que atirada
Para o jus da vingança provocada.
Orgulhosa se torna esta mulher
Que, no direito d'um mau proceder,
Em desforço do seu procedimento,
Só antes se acoberta ao sentimento
Que a sã moralidade nos indica,
E ao bem que tudo, tudo dignifica!

E é então o senhor, que, sem nobreza
D'aquilo onde se lê, estuda e reza
A melhor oração da nossa vida,
Vem hoje, perante esta alma esquecida,
Interrogar na mais dura exigencia
Quaes as razões porque tenra existencia
Se acalenta no leito de innocentes,
Com meus affagos ternos e dolentes!

E é então o senhor, é o senhor,
Que, aggravando inda mais a minha dôr,
Vem hoje aqui no intuito de saber
Porque se encontra ao lado da mulher
Desposada, a criança que acalenta?
E sabe porque? Sabe porque dentro
D'este lar se aconchega esse vivente?
Porque, sem duvida, é seu descendente!

Henrique

(Surprehendido de subito)

Meu filho?!... Que irrisoria affirmativa
Para suas desculpas e evasiva!
Meu filho, an? Com que então, meu filho? E esta?!
Só se a este lar se dá, faculta e presta
O mysierio da tal santa doutrina!
Talvez! Talvez que a *Graça*, a *obra Divina*,
Por aqui estendesse o puro manto,
E que depois, p'lo dom do Esp'rito Santo,
Eu tambem seja pae?! Talvez, talvez
O mysterio julgasse pôr-me aos pés

O filho que me indica, não é assim?...

(Irado)

Ora vamos senhora! Ponha fim
À comedia tão mal representada,
E diga como essa alma envenenada
Concebeu a pequena creatura

Arminda

(Apontando para Henrique e Margarida)

No desvario do pae e na loucura
Da mãe!...

Margarida

(Levantando-se e avançando para Henrique)

Que sou eu! Sim! Sou eu, senhor,
Que na ancia de vingança e de rancôr,
Me desfiz da creança que me deu.
A mãe maldita, está aqui, sou eu,
Que em cegueira da minha profissão
Atirei com a nossa criação
Ao sabôr dos instinctos d'esta vida.
A mãe, que tem por nome Margarida,
E por mister o vicio infamante,
Sou eu! Esta que foi a sua amante,
E de cuja união sahe oriundo
Esse fructo que vê a luz do mundo.
A mãe, sou eu, que na brutalidade
Do meu sentir e tão baixa maldade,
Apunhalou por fórma audaciosa
O socego do lar, e o bem da esposa!
A mãe senhor, sou eu, esta mulher,
Que um pedaço de carne faz viver
P'ra orgia, palpitando em sangue vil!
A mãe sou eu, eu, uma d'essas mil
Clientes de tão indigna alla mundana,
E que, vivendo sob a fórma humana,
Só renegam os dons da Natureza
Por bem degeneradas em baixeza!
A mãe sou eu, que tal nome invocando,
Se affronta um predicado venerando.
Alma não a tenho; odios ha alguns;
Nada d'amor e meritos nenhuns.
A mãe? a mãe, sou eu, eu, este horror!...

Henrique

(Mal comprehendendo a situação)

Margarida! Que diz?!...

Margarida

Digo, senhor,
A primeira verdade em minha vida;
Digo que essa criança foi nascida
Das nossas relações, e existe aqui,
Em virtude do mal com que eu agi.
É minha filha! e sua o é também,
Mas nunca, nunca em mim, teve ella mãe!

Henrique

(Attonito)

É minha filha?! Mas então... então...
O que se fez da minha sã razão?!...

Arminda

(Approximando-se do biombo e abrindo meia porta de fórma a ficar visivel o interior aos personagens)

De ha muito anda perdida.

(Apontando para a criança)

E aqui tem

Os espinhos da estrada d'onde vem!

Henrique

(Approximando-se um pouco)

Meu Deus! O que vejo?! Ella? A pequenita?
Sim! é ella! Mas, como se acredita
Tudo isto?!

Margarida

Pela fórma com que obrei
Em face d'esta nossa infame grei.

Henrique

(Encolerizado e avançando para Margarida)

Porém, com que direito me levou
A proclamar um crime que tramou?

Margarida

(Humilde e avançando um pouco)

Não sei! Olhe? não sei!... Bem vê, bem vê,
Que nós obramos sem alma nem fé.
Pois eu sei lá senhor! sim, eu sei lá
O que fiz? Foi apenas o que dá
Esta vil creatura! Foi sómente
A pratica d'um acto inconsciente!...

Arminda

(Interrompendo)

E que, talvez, por essa inconsciencia,
Um porvir se consiga da innocencia...

(Apontando para o berço)

Descança ella no leito que lhe dei,
Embalada p'la dôr que alimentei.
E nas minhas canções, mesmo chorando,
A pouco e pouco irei sempre insuflando
A redempção. Depois, quando mais tarde,
Ao bom Deus eu imploro que m'a guarde
E d'esta virgindade faça alguém,
Já que o mesmo Deus d'ella me fez mãe.

(Approximando-se do berço)

Vejam? Sonha decerto na ventura
Que o acaso lhe trouxe, e na candura
Do berço onde dormita! Berço pobre
De brocados, mas rico, rico e nobre
Do bem! Sonha decerto na esperanza
Com que se entrega á minha confiança:
Sonha, quem sabe? na libertação
Da cadeia que traz humilhação!...

Margarida

(Avançando e exclamando)

Minha filha! Meu Deus! Grande verdade!
É a isto que se chama honestidade?

Arminda

(Continuando, enquanto Henrique fita a creança succumbida)

Vejam?! E era, era então este senhor,
O grande, o grande espelho reflector
Do meu crime?!

(Vendo que Henrique emudece)

Ande? Diga? accuse e insulte,
Para que todo o mundo veja e ausculte
A farça attribuida! Vamos, falle?
Porque emudece?

(Apontando para a creança)

Tem aqui o mal,
E é ante elle que deve demonstrar
O cynismo, a baixaza d'este lar,
E tudo o mais que omitto, occulto e callo!

Henrique

(Timido e a custo)

Fallar? Eu... eu... senhora?

(Com pausa)

Sim, eu fallo...

Eu vou fallar, consente?...

Arminda

(Altiva)

Porque não?!

Henrique

(Curvando-se humilde)

Pois fallarei! *(pausa)* Perdão!

Margarida

(Cahindo de novo aos pés de Arminda)

Perdão! Perdão!

Arminda

Mas, em nome de quê?... sim?... e porquê?!

Henrique

Do remorso que assiste, e se antevê!

Margarida

P'la crença, de que abjuro e reneguei
P'ra sempre o caminho em que me abysmei.

Arminda

(Levantando os olhos para o ceu)

Senhor! Senhor! p'ra os pomos da discordia,
Venha a vossa infinita miser'cordia!

CAHE O PANO

Fim do segundo acto

{47}

{48}
{49}

EPILOGO

A mesma scena do prologo. Margarida, ao subir o panno, encontra-se sentada junto d'uma pequena meza, com a cabeça apoiada nas mãos e completamente succumbida.

SCENA PRIMEIRA

Margarida (*só*)

Eu a chorar! e lagrimas ardentes
Deslisando nas faces reviventes
De vergonha! Deus na alma! e ao coração
Amor! Ao meu espir'ito a reflexão!
Na consciencia a revolta e o remorso
Em que já me debato e me contorso!

O que é? que póde ser? A reacção
Convulsionando o corpo, e a razão
Subjugando-me, por demais vencida!
O que é? (*Pausa*)
É a verdade, Margarida!

Verdade?! E quem responde? Quem me falla?
É Deus! Mas Deus compara, Deus eguala
Esta mulher aos dons da Natureza?
Sim. Porque se nasceu para a baixeza,
Redime-se p'ra o bem! Ah! mas eu minto
E pequei, pois agora mesmo eu sinto
Que para o mal o mundo me não doou.
Nem Deus para a baixeza me creou!
Deus, amando, só cria para amar,
E eu amei... oh! amei, mas a sonhar,
Apenas a sonhar, sim, porque alguém
Sepultou do meu sonho todo o bem!
Eu nasci para amar, e amei; amei
Quanto pude ante a bôa e pura lei
Do amor, mas, mas depois, quem tanto amava,
Disse-me um dia que isso não passava
De um mytho, e foi-se andando na procura
D'aquillo que á pobreza salva a agrura;
Foi-se andando na busca de riqueza,
Porque eu era pobre, e isso se despreza!
E é então, é então que o meu amor
Se arrebatava nas garras do impudor;
É então, que me afundo nas camadas
Que alimentam as tristes depravadas!
Sim! Eu amei! E amei tanto, amei tanto,
Que por causa de amor tão puro e santo.
Busquei embriagar-me n'esta orgia,
Para que o grande Deus a ninguem cria!

(*Pausa*)

Eu a chorar!... e lagrimas ardentes
Deslisando nas faces reviventes
De vergonha! Porque? E que fiz eu?
Fiz tudo e nada! Fiz crime e labeu;
Tudo, tudo p'lo mal d'uma existencia,
E nada, nada pela inconsciencia.
E porque alguém, alguém me aniquilou,
Fiz tudo, e nada. Fiz... fiz o que sou!

(*Pausa*)

Eu a chorar! e lagrimas ardentes,
Velando os olhos bem reminiscentes
Do que vi!...

E que vi eu?... A mulher,
A mulher como ella é e deve ser.
Vi-a altiva e com toda a magestade
Destruindo o insulto á sombra da verdade!
Vi-a repudiando com nobreza
Os feitos da maldade e da torpeza!
Vi-a... vi-a tomando nos seus braços
O fructo que proveio de devassos!
Vi-a, evocando graças divinaes

N'uma orchestra de sons tão maternas
P'rá criança que a minha embriaguez
Ousou depositar, lançar-lhe aos pés!
E como tudo ainda fosse pouco,
Em paga d'um agir mau, vil e louco,
Eu vi-a, meu Deus! eu vi-a, meu Deus!
Pedir que me enviasses lá dos céus
O perdão!

{51}

Mas que fiz eu?!... Tudo... e nada...
Fiz... o que faz mulher desnaturada!
(Tomba a cabeça sobre as mãos em posição dolorosa)

SCENA SEGUNDA

MARGARIDA E FERNANDO

Fernando

(Entrando pelo fundo)
Ora até que emfim, linda Margarida!?
Por onde tem andado tão perdida?

Margarida

(Interrompendo n'um estremecimento subito de surpresa e quasi de indignação)
Ah!...

Fernando

(Avançando e continuando)
Por onde se tem tornado preza
E errante a sua graça e gentileza?!

Margarida

(Dissimulando a tristeza)
Em parte alguma, creia...

Fernando

Não parece...
E olhe que o promettido não se esquece.
Mas que tem? Que tem? Vejo que chorou?!

Margarida

Chorar? Eu?! Eu?!
(Á parte, limpando os olhos)
Oh! sim! não se enganou!
(alto) Chorar? Eu?! Não!

Fernando

Mas, seus olhos vermelhos,
São de tal flagrantissimos espelhos!

Margarida

(Dissimulando)
Nada isso diz, embora lhe pareça;
Efeitos só de dôres de cabeça
Que ha dias me apoquentam...

Fernando

E que, espero,
Melhorem ante o meu voto sincero,
E não impeçam minha estada aqui,
Já que de novo me honra, e me sorri
O convite, tornando-se occupado
O logar que me disse ter vagado.

Margarida

(N'um rapido estremecimento)
O que?! Fui eu que o disse?! Eu é que o disse?!

Fernando

(Com estranheza)
Duvida? Mas que grande exquisitice
Representa essa duvida!...

Margarida

Porque?!...

Fernando

(Tirando do bolso um cartão)
Em face do bilhete onde se lê
O seu pedido, e ainda mesmo, quando
Claramente dizendo e bem frizando
(Approximando-se de uma porta lateral)
Certas palavras, junto d'esta porta;
A não ser que, que seja letra morta
O que me affirmou!

Margarida

(Com repulsão)

{52}

{53}

Não! Não me recorda?!

Fernando

Veremos, n'esse caso, se, se aborda
A phrase muito nitida ao ouvido,
Para que ella jámais tenha esquecido.

Foi aqui, veja, foi n'este logar
Que, apontando-me altiva e sem pezar,
(*Olhando para o interior d'um quarto*)
Certa vaga que ali dentro existia,
Perguntou o que lá se achava e via.

Respondi... o que ainda vejo:
Um leito.

(*Malicioso*)
E por signal que estava bem desfeito,
Em contraste com toda a compostura
Que ora se nota. Então, é n'esta altura
Que assim exclama:
«Está ao seu dispôr».

Margarida

Lembra-me com effeito! (*Á parte*)
Mas que horror!
(*Alto e approximando-se de Fernando*)
É verdade! E a verdade diz, Fernando!
Mas foi um dito mau, dito execrando!
Dito que não devia proclamar
(*Com desespero*)
E que fez mal, só mal, em m'o lembrar.

Fernando

(*Surprehendido*)
Porém, nada percebo, e muito menos
Com taes palavras, cujo modo e acenos
São expostos em termo áspero e rude.

Margarida

(*Apontando o leito*)
Aquella vaga, occupa-a hoje a *Virtude*.

Fernando

(*Estupefacto*)
Como assim?! Isso é dito com ironia?!...

Margarida

Fallo com consciencia e ufania
De a possuir!

Fernando

Verdade?! Isso é verdade?!...

Margarida

Digo-lh'o com a mor sinceridade.
O leito que em orgias se desfez,
Hoje... sómente cobre a honradez!

Fernando

(*Approximando-se da meza, sentando-se e com ironia*)
Bravo!... Sim senhor! Muito bem! Comtudo,
Espero que me explique por miudo
O que em vida de gran desfaçatez
Se entende por virtude ou honradez.

Margarida

(*Approximando-se tambem da meza e sentando-se*)
Será um sacrificio, mas, emfim,
Cumprirei seu desejo.

Fernando

(*Rindo*)
E quanto a mim,
Agradeço a irrisoria explicação,
Que ouvirei com a maxima attenção.

Vamos. Comece. O que é honra e virtude?...

Margarida

(*Com amargura*)
Sabel-o no passado, eu nunca pude,
Mas no presente, d'ella tenho a fé!
Virtude e honra, meu caro, eu lhe digo... É...
(*Com certo desprezo*)
É... o que o senhor nunca comprehendeu!...

Fernando

(*Cada vez mais surprehendido*)
Que nunca comprehendi? Que disse?! Eu?! Eu?!

Margarida

Sim, meu caro senhor! Que nunca, nunca
Comprehendeu; pois quem lança p'ra espelunca
Do vicio a mulher que disse amar,
A virtude não sabe interpretar.

Fernando

Allude então...

(Atalhando)

À minha triste historia
Muito bem reflectida na memoria!

Mas isso... já lá vae ha tanto, ha tanto...

Ah! Lembra-se? Pois bem! E embora o pranto
Volte a offuscar-me as faces de vergonha,
Rememoro o que em epocha risonha
D'uma vida serviu para o transporte
Da reles existencia e fraca sorte.

Creança, inda bem nova, inexp'riente,
Senti n'alma o que sente toda a gente.
Despertando p'ra quadra d'um amor:
E a pouco extasiada n'esse alvôr,
Deixei que me prendessem sympathias
Que vibravam n'um canto de harmonia:
Tudo então me sorria e tudo amava!
A graciosa manhã que despontava
No melodico trio de avesinhas,
O sol que vivifica as floresinhas,
O declinar da tarde, as noites bellas,
Da lua o brilho, a graça das estrellas,
O conchego, a familia, o trabalho,
A paz, tranquillidade e o agasalho,
A invocação, a biblia e a reza;
Eu amava, emfim, toda a natureza,
Pelo proprio amor da juventude,
A vibrar como cordas de alaúde
N'um peito que se alava para o bem!
Mas de subito, meu Deus! esse alguém
Que me elevava aos paramos do amor;
Quem me ajudara a crel-o no primôr
Da verdade, e guiava o norte meu,
Que devia subir até ao ceu...
Corta, derruba, as azas d'este alar,
E obriga-me a cahir, faz-me tombar
No grande turbilhão da tempestade,
Na hecatombe e na mór fatalidade!
E tudo, tudo então quanto eu amava,
Breve se convertia e se trocava
Pela renegação, pela baixeza,
Deixando já d'amar a Natureza,
Para me filiar em quê? Em quê?
Nas hostes dos que nunca teem fé!

E tombei! E cahi! *(chorando)*.

Sim, sim, tombei!

Á custa de quê? Deus meu! Nem eu sei?!

(A Fernando)

Sei! Sei, senhor! Á custa do abandono
Que me precipitou n'aquelle somno,
Cuja lethargia obra o desvario
N'um corpo molestado e doentio,
Em proveito de todo o esquecimento
Do que de bem havia em sentimento!

Pois se eu amava tanto, e d'esse amor
Em si depositei e puz, senhor,
A esperança ditosa de meus dias,
Sem que se me opposessem phantasias;
Se tudo lhe entreguei: alma, honra e vida,
Para que tornar tão desvanecida
A fraqueza da minha confiança?...

(Pretendendo desculpar-se)

Porque eu... porque eu tambem era creança...

(Levanta-se)

Não! Não! Diga que foi a sêde e fome
De usufruir, e após, pensar que o nome
Humilhava, e jámais lhe serviria
P'ra linda sugestão que me incutia;
Diga: foi o que muita gente faz,
Captivando, prendendo em fórmula audaz
O debil ser, a fragil creatura,
Que ora subjugada ante a noite escura
Do vosso infame e vil, e vil narcotico,
Obedece depois ao espasmodico
Furôr de saciar as intenções
Com que se roubam fracos corações.

Margarida

Fernando

Margarida

{56}

Fernando

Margarida

{57}

Não é isto?

(Perturbado)

Mas...

(Levantando-se)

Mas... senhor Fernando

Queira explicar-me agora quando, quando

Foi por si concebida a qualidade

Virtuosa, por entre a sociedade?!

Fernando

Margarida

Fernando

(Succumbido)

Actualmente á face da razão...

Que decerto ditou a reacção

Do mal, d'esse mal que m'inclue nos réus

Do mundo!

(Pausa e estendendo a mão a Margarida)

Margarida... adeus!...

Margarida

(Apertando a mão de Fernando)

Adeus...

(Fernando sae)

{58}

SCENA FINAL

Margarida

(Só, depois d'um momento de silencio e de olhar toda a sala)

E nada, nada mais d'esse passado

Que abomino!

(Levantando os olhos para o ceu)

Deus! Meu Deus!

Obrigado!

CAHE O PANNNO

Fim da peça

*** END OF THE PROJECT GUTENBERG EBOOK A NUVEM: PEÇA DRAMATICA, EM VERSO,
COM PROLOGO, DOIS ACTOS E EPILOGO ***

Updated editions will replace the previous one—the old editions will be renamed.

Creating the works from print editions not protected by U.S. copyright law means that no one owns a United States copyright in these works, so the Foundation (and you!) can copy and distribute it in the United States without permission and without paying copyright royalties. Special rules, set forth in the General Terms of Use part of this license, apply to copying and distributing Project Gutenberg™ electronic works to protect the PROJECT GUTENBERG™ concept and trademark. Project Gutenberg is a registered trademark, and may not be used if you charge for an eBook, except by following the terms of the trademark license, including paying royalties for use of the Project Gutenberg trademark. If you do not charge anything for copies of this eBook, complying with the trademark license is very easy. You may use this eBook for nearly any purpose such as creation of derivative works, reports, performances and research. Project Gutenberg eBooks may be modified and printed and given away—you may do practically ANYTHING in the United States with eBooks not protected by U.S. copyright law. Redistribution is subject to the trademark license, especially commercial redistribution.

START: FULL LICENSE

THE FULL PROJECT GUTENBERG LICENSE

PLEASE READ THIS BEFORE YOU DISTRIBUTE OR USE THIS WORK

To protect the Project Gutenberg™ mission of promoting the free distribution of electronic works, by using or distributing this work (or any other work associated in any way with the phrase “Project Gutenberg”), you agree to comply with all the terms of the Full Project Gutenberg™ License available with this file or online at www.gutenberg.org/license.

Section 1. General Terms of Use and Redistributing Project Gutenberg™ electronic works

1.A. By reading or using any part of this Project Gutenberg™ electronic work, you indicate that

you have read, understand, agree to and accept all the terms of this license and intellectual property (trademark/copyright) agreement. If you do not agree to abide by all the terms of this agreement, you must cease using and return or destroy all copies of Project Gutenberg™ electronic works in your possession. If you paid a fee for obtaining a copy of or access to a Project Gutenberg™ electronic work and you do not agree to be bound by the terms of this agreement, you may obtain a refund from the person or entity to whom you paid the fee as set forth in paragraph 1.E.8.

1.B. “Project Gutenberg” is a registered trademark. It may only be used on or associated in any way with an electronic work by people who agree to be bound by the terms of this agreement. There are a few things that you can do with most Project Gutenberg™ electronic works even without complying with the full terms of this agreement. See paragraph 1.C below. There are a lot of things you can do with Project Gutenberg™ electronic works if you follow the terms of this agreement and help preserve free future access to Project Gutenberg™ electronic works. See paragraph 1.E below.

1.C. The Project Gutenberg Literary Archive Foundation (“the Foundation” or PGLAF), owns a compilation copyright in the collection of Project Gutenberg™ electronic works. Nearly all the individual works in the collection are in the public domain in the United States. If an individual work is unprotected by copyright law in the United States and you are located in the United States, we do not claim a right to prevent you from copying, distributing, performing, displaying or creating derivative works based on the work as long as all references to Project Gutenberg are removed. Of course, we hope that you will support the Project Gutenberg™ mission of promoting free access to electronic works by freely sharing Project Gutenberg™ works in compliance with the terms of this agreement for keeping the Project Gutenberg™ name associated with the work. You can easily comply with the terms of this agreement by keeping this work in the same format with its attached full Project Gutenberg™ License when you share it without charge with others.

1.D. The copyright laws of the place where you are located also govern what you can do with this work. Copyright laws in most countries are in a constant state of change. If you are outside the United States, check the laws of your country in addition to the terms of this agreement before downloading, copying, displaying, performing, distributing or creating derivative works based on this work or any other Project Gutenberg™ work. The Foundation makes no representations concerning the copyright status of any work in any country other than the United States.

1.E. Unless you have removed all references to Project Gutenberg:

1.E.1. The following sentence, with active links to, or other immediate access to, the full Project Gutenberg™ License must appear prominently whenever any copy of a Project Gutenberg™ work (any work on which the phrase “Project Gutenberg” appears, or with which the phrase “Project Gutenberg” is associated) is accessed, displayed, performed, viewed, copied or distributed:

This eBook is for the use of anyone anywhere in the United States and most other parts of the world at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this eBook or online at www.gutenberg.org. If you are not located in the United States, you will have to check the laws of the country where you are located before using this eBook.

1.E.2. If an individual Project Gutenberg™ electronic work is derived from texts not protected by U.S. copyright law (does not contain a notice indicating that it is posted with permission of the copyright holder), the work can be copied and distributed to anyone in the United States without paying any fees or charges. If you are redistributing or providing access to a work with the phrase “Project Gutenberg” associated with or appearing on the work, you must comply either with the requirements of paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 or obtain permission for the use of the work and the Project Gutenberg™ trademark as set forth in paragraphs 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.3. If an individual Project Gutenberg™ electronic work is posted with the permission of the copyright holder, your use and distribution must comply with both paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 and any additional terms imposed by the copyright holder. Additional terms will be linked to the Project Gutenberg™ License for all works posted with the permission of the copyright holder found at the beginning of this work.

1.E.4. Do not unlink or detach or remove the full Project Gutenberg™ License terms from this work, or any files containing a part of this work or any other work associated with Project Gutenberg™.

1.E.5. Do not copy, display, perform, distribute or redistribute this electronic work, or any part of this electronic work, without prominently displaying the sentence set forth in paragraph 1.E.1 with active links or immediate access to the full terms of the Project Gutenberg™ License.

1.E.6. You may convert to and distribute this work in any binary, compressed, marked up, nonproprietary or proprietary form, including any word processing or hypertext form. However, if you provide access to or distribute copies of a Project Gutenberg™ work in a format other than “Plain Vanilla ASCII” or other format used in the official version posted on the official Project Gutenberg™ website (www.gutenberg.org), you must, at no additional cost, fee or expense to the

user, provide a copy, a means of exporting a copy, or a means of obtaining a copy upon request, of the work in its original "Plain Vanilla ASCII" or other form. Any alternate format must include the full Project Gutenberg™ License as specified in paragraph 1.E.1.

1.E.7. Do not charge a fee for access to, viewing, displaying, performing, copying or distributing any Project Gutenberg™ works unless you comply with paragraph 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.8. You may charge a reasonable fee for copies of or providing access to or distributing Project Gutenberg™ electronic works provided that:

- You pay a royalty fee of 20% of the gross profits you derive from the use of Project Gutenberg™ works calculated using the method you already use to calculate your applicable taxes. The fee is owed to the owner of the Project Gutenberg™ trademark, but he has agreed to donate royalties under this paragraph to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation. Royalty payments must be paid within 60 days following each date on which you prepare (or are legally required to prepare) your periodic tax returns. Royalty payments should be clearly marked as such and sent to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation at the address specified in Section 4, "Information about donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation."
- You provide a full refund of any money paid by a user who notifies you in writing (or by e-mail) within 30 days of receipt that s/he does not agree to the terms of the full Project Gutenberg™ License. You must require such a user to return or destroy all copies of the works possessed in a physical medium and discontinue all use of and all access to other copies of Project Gutenberg™ works.
- You provide, in accordance with paragraph 1.F.3, a full refund of any money paid for a work or a replacement copy, if a defect in the electronic work is discovered and reported to you within 90 days of receipt of the work.
- You comply with all other terms of this agreement for free distribution of Project Gutenberg™ works.

1.E.9. If you wish to charge a fee or distribute a Project Gutenberg™ electronic work or group of works on different terms than are set forth in this agreement, you must obtain permission in writing from the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, the manager of the Project Gutenberg™ trademark. Contact the Foundation as set forth in Section 3 below.

1.F.

1.F.1. Project Gutenberg volunteers and employees expend considerable effort to identify, do copyright research on, transcribe and proofread works not protected by U.S. copyright law in creating the Project Gutenberg™ collection. Despite these efforts, Project Gutenberg™ electronic works, and the medium on which they may be stored, may contain "Defects," such as, but not limited to, incomplete, inaccurate or corrupt data, transcription errors, a copyright or other intellectual property infringement, a defective or damaged disk or other medium, a computer virus, or computer codes that damage or cannot be read by your equipment.

1.F.2. LIMITED WARRANTY, DISCLAIMER OF DAMAGES - Except for the "Right of Replacement or Refund" described in paragraph 1.F.3, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, the owner of the Project Gutenberg™ trademark, and any other party distributing a Project Gutenberg™ electronic work under this agreement, disclaim all liability to you for damages, costs and expenses, including legal fees. YOU AGREE THAT YOU HAVE NO REMEDIES FOR NEGLIGENCE, STRICT LIABILITY, BREACH OF WARRANTY OR BREACH OF CONTRACT EXCEPT THOSE PROVIDED IN PARAGRAPH 1.F.3. YOU AGREE THAT THE FOUNDATION, THE TRADEMARK OWNER, AND ANY DISTRIBUTOR UNDER THIS AGREEMENT WILL NOT BE LIABLE TO YOU FOR ACTUAL, DIRECT, INDIRECT, CONSEQUENTIAL, PUNITIVE OR INCIDENTAL DAMAGES EVEN IF YOU GIVE NOTICE OF THE POSSIBILITY OF SUCH DAMAGE.

1.F.3. LIMITED RIGHT OF REPLACEMENT OR REFUND - If you discover a defect in this electronic work within 90 days of receiving it, you can receive a refund of the money (if any) you paid for it by sending a written explanation to the person you received the work from. If you received the work on a physical medium, you must return the medium with your written explanation. The person or entity that provided you with the defective work may elect to provide a replacement copy in lieu of a refund. If you received the work electronically, the person or entity providing it to you may choose to give you a second opportunity to receive the work electronically in lieu of a refund. If the second copy is also defective, you may demand a refund in writing without further opportunities to fix the problem.

1.F.4. Except for the limited right of replacement or refund set forth in paragraph 1.F.3, this work is provided to you 'AS-IS', WITH NO OTHER WARRANTIES OF ANY KIND, EXPRESS OR IMPLIED, INCLUDING BUT NOT LIMITED TO WARRANTIES OF MERCHANTABILITY OR FITNESS FOR ANY PURPOSE.

1.F.5. Some states do not allow disclaimers of certain implied warranties or the exclusion or limitation of certain types of damages. If any disclaimer or limitation set forth in this agreement violates the law of the state applicable to this agreement, the agreement shall be interpreted to make the maximum disclaimer or limitation permitted by the applicable state law. The invalidity or unenforceability of any provision of this agreement shall not void the remaining provisions.

1.F.6. INDEMNITY - You agree to indemnify and hold the Foundation, the trademark owner, any agent or employee of the Foundation, anyone providing copies of Project Gutenberg™ electronic works in accordance with this agreement, and any volunteers associated with the production, promotion and distribution of Project Gutenberg™ electronic works, harmless from all liability, costs and expenses, including legal fees, that arise directly or indirectly from any of the following which you do or cause to occur: (a) distribution of this or any Project Gutenberg™ work, (b) alteration, modification, or additions or deletions to any Project Gutenberg™ work, and (c) any Defect you cause.

Section 2. Information about the Mission of Project Gutenberg™

Project Gutenberg™ is synonymous with the free distribution of electronic works in formats readable by the widest variety of computers including obsolete, old, middle-aged and new computers. It exists because of the efforts of hundreds of volunteers and donations from people in all walks of life.

Volunteers and financial support to provide volunteers with the assistance they need are critical to reaching Project Gutenberg™'s goals and ensuring that the Project Gutenberg™ collection will remain freely available for generations to come. In 2001, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation was created to provide a secure and permanent future for Project Gutenberg™ and future generations. To learn more about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation and how your efforts and donations can help, see Sections 3 and 4 and the Foundation information page at www.gutenberg.org.

Section 3. Information about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation

The Project Gutenberg Literary Archive Foundation is a non-profit 501(c)(3) educational corporation organized under the laws of the state of Mississippi and granted tax exempt status by the Internal Revenue Service. The Foundation's EIN or federal tax identification number is 64-6221541. Contributions to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation are tax deductible to the full extent permitted by U.S. federal laws and your state's laws.

The Foundation's business office is located at 809 North 1500 West, Salt Lake City, UT 84116, (801) 596-1887. Email contact links and up to date contact information can be found at the Foundation's website and official page at www.gutenberg.org/contact

Section 4. Information about Donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation

Project Gutenberg™ depends upon and cannot survive without widespread public support and donations to carry out its mission of increasing the number of public domain and licensed works that can be freely distributed in machine-readable form accessible by the widest array of equipment including outdated equipment. Many small donations (\$1 to \$5,000) are particularly important to maintaining tax exempt status with the IRS.

The Foundation is committed to complying with the laws regulating charities and charitable donations in all 50 states of the United States. Compliance requirements are not uniform and it takes a considerable effort, much paperwork and many fees to meet and keep up with these requirements. We do not solicit donations in locations where we have not received written confirmation of compliance. To SEND DONATIONS or determine the status of compliance for any particular state visit www.gutenberg.org/donate.

While we cannot and do not solicit contributions from states where we have not met the solicitation requirements, we know of no prohibition against accepting unsolicited donations from donors in such states who approach us with offers to donate.

International donations are gratefully accepted, but we cannot make any statements concerning tax treatment of donations received from outside the United States. U.S. laws alone swamp our small staff.

Please check the Project Gutenberg web pages for current donation methods and addresses. Donations are accepted in a number of other ways including checks, online payments and credit card donations. To donate, please visit: www.gutenberg.org/donate

Section 5. General Information About Project Gutenberg™ electronic works

Professor Michael S. Hart was the originator of the Project Gutenberg™ concept of a library of electronic works that could be freely shared with anyone. For forty years, he produced and distributed Project Gutenberg™ eBooks with only a loose network of volunteer support.

Project Gutenberg™ eBooks are often created from several printed editions, all of which are confirmed as not protected by copyright in the U.S. unless a copyright notice is included. Thus, we do not necessarily keep eBooks in compliance with any particular paper edition.

Most people start at our website which has the main PG search facility: www.gutenberg.org.

This website includes information about Project Gutenberg™, including how to make donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, how to help produce our new eBooks, and how to subscribe to our email newsletter to hear about new eBooks.